

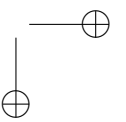
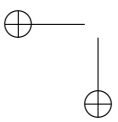
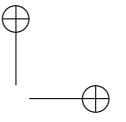
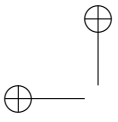
**DA QUESTÃO DO MAL  
SEGUNDO ÉTIENNE  
BORNE**



Américo Pereira

2008

[www.lusosofia.net](http://www.lusosofia.net)





LUSOSofia: PRESS

FICHA TÉCNICA

Título: *Da Questão do Mal segundo Étienne Borne*

Autor: Américo Pereira

Livros **LusoSofia: Press**

Direcção: José Rosa & Artur Morão

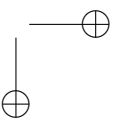
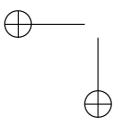
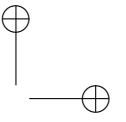
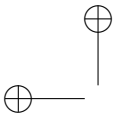
Design da Capa: António Rodrigues Tomé

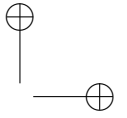
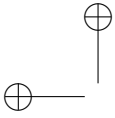
Logótipo: Catarina Moura

Composição & Paginação: José Rosa

Universidade da Beira Interior,

Covilhã, 2008





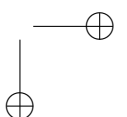
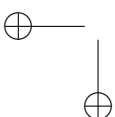
# Da Questão do Mal segundo Étienne Borne\*

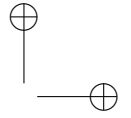
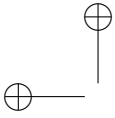
Américo Pereira  
Universidade Católica Portuguesa

Numa linguagem de uma simplicidade cristalina, própria apenas de quem já encarnou a experiência de isso acerca de que escreve, Étienne Borne reflecte acerca do *problema do mal*. Sem ilusões, contra as ilusões, sem idealizações, contra as idealizações, saboreando o indelével travo amargo de uma angústia que se sabe contemporânea desse mesmo mal e nasce da consciência da sua irreparabilidade. Perante a finita consciência dos homens, o mal, na sua realidade, na sua *inegável presença*, no seu escândalo de necessário inexistente que, todavia, existe, é um absoluto. Absoluto que há que aceitar como tal e, como tal, assumir e pensar. De nada serve reduzi-lo a algo que não é: aqui, a magia não funciona e a presença do absoluto do mal mantém-se. É esta presença irreduzível que tem de ser enfrentada, confrontada, pensada. A presença do mal implica necessariamente, não apenas nem fundamentalmente o problema do mal, mas o problema da valia do homem: este só se merece se for capaz de se medir com o mal que, mais tarde ou mais cedo, o visitará. Esta inoportuna visita ameaça imediatamente sair vencedora do confronto, independentemente do modo como este

---

\*Apresentamos aqui as linhas fundamentais de seu pensamento, a partir da obra *Le problème du mal*, Paris, PUF, 1958, 1ªreed. 1992 (Quadrige), 121 pp



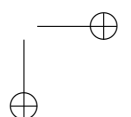
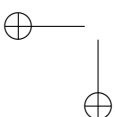


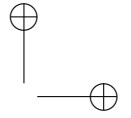
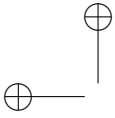
decorra: *qual é o homem que pode dizer-se capaz de vencer o recontro com o mal?*

Mas o que o mal também necessariamente implica e propicia é a oportunidade única de o homem *afirmar o seu ser*, no absoluto da potencialidade de positividade do mesmo, como se pode ver no drama de Job, em que a finalidade não é encontrar uma qualquer razão para a existência do mal, mas fazer a mostraçã - no seio de uma vida em perigo de esmagamento pelo mal -, do que de absolutamente bom há no homem e, isso, por mais efémero que seja, é desmentido do valor absoluto do mal, ainda que não da sua presença.

Em última análise, o mal reduz o homem à mais simples expressão do seu ser, a um estado em que nada mais lhe resta do que aquele ponto nodal de si mesmo em que o mínimo essencial do que sobra de si é, nesse mesmo acto, o máximo possível de essência que também permanece, isso a que já nada de supérfluo faz obstáculo e que se ergue, já não perante seja o que for de positivo - o mal se encarregou de tudo aniquilar -, mas perante o absoluto do nada, negando-o, enquanto mínimo subsistente. O mal, na sua irredutibilidade, acaba por ser o único modo de poder provar a própria irredutibilidade do único ser que dele se dá conta. Isto não elimina o mal nem lhe confere qualquer positividade própria, antes lhe adensa a negatividade. Mas faz ressaltar a positividade de quem com ele convive e a ele sobrevive, na medida única e absoluta da própria vida.

No absoluto da sua negatividade, o mal é o preço a pagar pelo sentido da positividade da vida, quando esta sobrevive ao mal e encontra, para além do mal, esta positividade. Apenas neste caso. Nem a vida reduz o absoluto da negatividade do mal - que, sem esta negatividade, nada seria - nem o mal reduz a positividade da vida, que, no que é - isto é, no que resiste ao mal -, é absolutamente positiva. O papel negativo do mal é fazer ressaltar esta possibilidade.



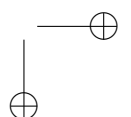
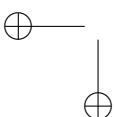


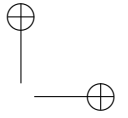
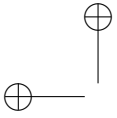
Nesta obra, Borne começa por situar o problema com uma clareza e frontalidade que anunciam o modo corajoso como vai tratar o que está em causa: nada de subterfúgios, desvios ou reduções - o mal tem uma radicalidade muito própria, escandalosa, incontornável e não se compadece com arranjos mais ou menos poéticos e razoáveis (ou racionais), antes se revela necessário desafio agónico à racionalidade e, em última análise, ao sentido de *toda* a existência humana. *A vitória do mal é a derrota da humanidade*. Derrota definitiva. A fuga perante o problema do mal é, também ela, um mal e acrescenta à derrota, não a evita. Cabe-nos assumir a angústia e aprofundá-la, até à nossa salvação ou perdição. Está nas nossas mãos essa assunção, não a qualidade última do desfecho.

Interessa mostrar que a irrealidade positiva do mal acaba por como que se consubstanciar numa realidade daquela irrealidade, numa presença própria irreduzível a qualquer discurso redutor, intuída apenas, não por uma inteligência separada, mas pela totalidade concreta do homem, em uma paixão que coincide exactamente com a presença do mal: este não é um objecto - supostamente real, para além de mim - exterior, que se contempla, é a mesma paixão que me habita e, paradoxalmente, não me encerra em mim, mas me desperta para o exterior, me abre o e ao exterior. O mal ganha a dimensão da angústia e torna-se acto de paixão, paradoxal realidade que, doravante, se impõe como a mais aguda realidade. Quão longe estamos do mal como pura e simples irrealidade!

Esta presença impõe-se de um modo absoluto. Ocupa, mais ou menos aparentemente, todo o campo da consciência, até esta, em alguns casos, já não se distinguir de uma total dor, de um total sofrimento. É quase invivível tal situação. Surgem os analgésicos: os mitos, as belezas de substituição, as sabedorias do não-compromisso.

A reflexão de Borne sobre o mito, como que esgotando brevemente todos os pontos de vista teóricos possíveis, ajuda-nos a

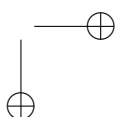
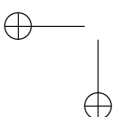


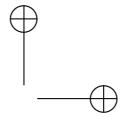
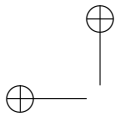


penetrar na essência quer do mito quer da própria beleza, mostrando como o mito é uma resposta quase inevitável à angústia do mal - tentando reduzi-la -, e a beleza uma outra resposta, também redutora, àquela mesma angústia. Um e a outra revelam-se extraordinárias criações do homem, no entanto incapazes de cumprir a sua função de se imporem como substitutos daquela angústia, que permanece.

Visão profunda que percebe que “este nada que é tudo”, como diz o Poeta, só é tudo para quem desespera perante a perene ameaça de um absoluto nada, que pode tudo lançar na suprema irrisão do absoluto da ausência de sentido. Mito que pouco vale aos que, para além do consolo das desculpas ou da beleza, preferem encarar de frente o supremo perigo do trânsito para a absolutamente negra noite sem sonhos e sem luz da aniquilação. O mito é, assim, apenas mais uma fuga para um homem - e uma sociedade - que prefere a certeza do incerto sonho à incerteza intransponível do confronto com a possibilidade do nada absoluto de si ou, na boa hipótese, do absoluto de si, perdido para a luz deste mundo de mitos, ganho para uma eternidade que, agora, vencido o transe, já não é sonho, mas o pleno da realidade. Terrível charneira, terrível paixão.

Desligar o humano *logos* da humana paixão parece ser tentação de uma resposta à angústia que, de algum modo, se lhe quer antecipar, não deixando sítio algum para a sua eclosão: a invenção de uma razão, pura entidade relacional pairando por sobre a materialidade passional de um mundo que julga, mas não aflora, permite salvar a bondade de um acto cuja finalidade se encontra na absoluta positividade relacional dos entes, encarados, não na sua concretude, mas tão só como anódinas significações, etéreas ideias desencarnadas. Assim se forma um todo coerente, absolutamente positivo, em que tudo tem assento, pois tudo é válido na sua realidade etérea. Neste céu semântico, mesmo a ideia de dor é positiva, pois, enquanto ideia, não dói. A totalidade, vista como pura idealidade, evita a consideração da realidade do mal, no absoluto



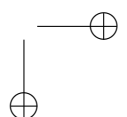
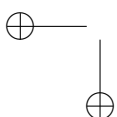


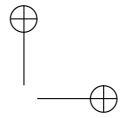
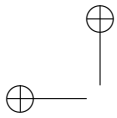
concreto da sua presença. Procedendo-se deste modo, elimina-se a questão do mal, elimina-se o mal como questão e elimina-se, de algum modo, o próprio mal. Mas elimina-se o próprio ser, que não aguenta a ablação da presença daquele no concreto da existência - existência humana.

A sabedoria, ficcionando totalidade, necessidade e beleza, quer proporcionar um sítio metafísico para o homem poder habitar, sem se ver esmagado pela angústia da dor e do sofrimento. Engendra mundos perfeitamente ordenados, integrados, harmoniosos e belos, feitos à medida da razão humana, mas incapazes de acolher as dimensões - que são dimensões outras de uma razão mais lata e profundamente entendida - não puramente relacionais do homem. Expele a sua paixão e, com ela, a sua dimensão encarnada. Esta sabedoria é, não uma sabedoria própria de homens, mas de anjos frustrados. Uma verdadeira sabedoria tem de assumir a condição encarnada, passional do homem, a angústia que a acompanha e, a partir da assunção desta angústia, buscar alguma luz, se alguma luz houver.

Assumindo a realidade da presença do mal - e como não? - facilmente se percebe que o mal não é um problema teórico: a sua redução teórica é uma outra forma mítico-estética de pseudo-superação, resposta fraca de uma humanidade que prefere fugir à radicalidade das questões, sobrevivendo “apagada e vil”, na expressão do Poeta, sombra de si mesma, num Hades exangue em que, por ausência de fulgor vital, a suprema transição possa como que passar despercebida - no fim de contas, não parece ser grande a diferença entre uma vida quase morta e uma morte sem vida alguma. E assim se vai “vivendo”...

Mas a simples e talvez prosaica - aparentemente não sábia - realidade da vida encarrega-se, numa outra forma de sabedoria - esta trágica -, de desmentir as atitudes que procuram refúgio nas reduções teoricistas. Há uma matriz passional da vida, matriz encarnada, matriz sensível e de sentido, matriz sofredora - mesmo



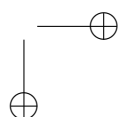
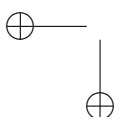


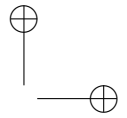
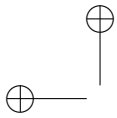
das raras e fugazes alegrias. Esta matriz, útero do nosso semântico ser, reclama a nossa situação bem no centro da tempestade do que é, sem desculpas, sem consolos, sem protecção alguma, para além da que a nudez da carne - que se vai fazendo espírito - nos dá. A vida exige ser paixão. Não daquelas que, fogos na palha, depressa passam e nos deixam, cinzas no chão, abandonados, sem qualquer chama que nos erga. Mas daquela que é o cerne activo do nosso ser. *Ser como paixão*. Passional ontologia: ontológico pão-nosso-de-cada-dia da vida que somos.

Esta paixão encarnada assume o mal pelo e no que é. Assume-o na sua carne. Assume-o como paixão, não como algo de consubstancial. Ainda assim, como algo que não se pode eliminar ou de que não se pode aliviar.

O mal, assim assumido, revela-se como presença contraditória de um sentido cósmico de perfeita harmonia ou bondade: harmonia e bondade não existem num cosmos em que o mal se encontra presente - não há, pois, cosmos algum. Neste sentido, o mal é o desmentido formal (e material) de Deus. O escândalo do mal implica um necessário ateísmo. Ateísmo que é purificador, pois elimina definitivamente qualquer possibilidade de retorno às falsas sabedorias da insensibilidade perante o mal, impede definitivamente qualquer retorno ao deus imanente ao cosmos - sua ordem postulada e hipostasiada -, e prova indubitavelmente a existência de uma ideia de Deus - esta de sumo bem -, em nome da qual o próprio ateísmo denuncia a presença do mal e a concomitante ausência de Deus, sem a qual não haveria critério último algum para diferenciar a presença do mal, sem a qual não seria possível qualquer agatologia ou cacologia, sem a qual tudo seria absolutamente indiferente.

Este ateísmo tem duas possíveis derivas fundamentais: ou se contenta consigo mesmo e termina erguendo-se em negativa divindade da consciência da sua superioridade relativamente a todos os crentes em qualquer forma de ilusão - ilusão subtil e última de





quem não quer tirar a conclusão óbvia da falta absoluta de sentido que habita; ou, assumindo o abismo - na paixão, na carne, na acção - do caminhar sem imagens, procura, levando a grandeza do discernimento até ao fim, o que há para além - e se há algum além - do abismo. E a única forma de saber é assumir o abismo, isto é, nele cair.

É o passo da fé - passo de Job: querer acreditar, quando nada parece haver para que se acredite; é *criar o sentido*, pondo o caminho que a ele pode - ou não - levar; caminho de fé, que é o único que *pode* levar ao sentido. Mas apenas pode: não há garantias. Isto faz-se na carne, que, ao fazê-lo, já é espírito: porta para um *possível* sentido.

A fé só vale - e, então, vale absolutamente - perante o abismo de um possível radical e absoluto ateísmo: se se perder, nada se perde; mas, se se ganhar, tudo se ganha! - é a aposta de Pascal. Ora, toda a nossa vida - tenhamos ou não disso consciência - é esta aposta, pois toda ela se desenvolve, verdadeiramente *se cria*, neste omni-presente abismo entre o nada que nos envolve (como ameaça absoluta de um absoluto possível não ser) e o ser que somos - dois absolutos, de entre os quais temos de optar.

E o mal encontra-se, no que nos diz respeito, neste ponto quiasmático que é tudo; depende, aqui, de nós: que escolhemos? Que sentido damos à nossa paixão? *Como praticamos o ser?* Que bem criamos? O mais é ilusão ou conversa diletante, cadáver, nado-morto de um sentido possível, mas falhado. E, então, a angústia é bem outra: já não a da finitude perante a infinitude, da imperfeição perante a perfeição, a da impotência para lutar contra um mal que nos transcende, mas a da nossa querida cobardia, isso que nos faz desmerecer do acto que somos e, assim, anula qualquer esperança de encontrar qualquer sentido. Comigo, morre o último deus, o da idolatria da minha divina fraqueza.

